

“DOM QUIXOTE DE LA MANCHA”: ROMANCE DE RUPTURA.

Albérís Eron Flávio de Oliveira
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN)
Rosanne Bezerra de Araújo
(Departamento de Letras – UFRN)

RESUMO

Dom Quixote de La Mancha (1605) é a história de um fidalgo rural, D. Alonso Quijano, que, tendo lido demasiados livros de cavalaria, a tal ponto se identificou com eles que perdeu o juízo, transmutando a ficção literária em realidade. Dominado por sua típica loucura, ele abandona casa e fazenda, escolhe um nome de cavalaria e põe-se a percorrer a cavalo a região circunvizinha, precisamente a ‘Mancha’, em trajes de cavaleiro andante. O romance traz uma série de relatos de episódios ocorridos com ‘Dom Quixote’ – o personagem principal – durante o seu incessante peregrinar. Concluída em um período em que as novelas de cavalaria na Espanha do século XVI eram uma verdadeira paixão pública, uma espécie de obsessão nacional, *Dom Quixote de La Mancha (1605)* vem, revestido de imagens desse gênero literário – romance de cavalaria –, nos fazer pensar os valores da vida no mundo antigo ao mesmo tempo em que aponta para o mundo moderno que se avizinha. Consideramos o romance como sendo de ‘ruptura’, amparados a partir das ideias de Lukács (2000) e Bakhtin (1998) que deixam claro que, para compreender a evolução da forma romanesca desde as epopeias antigas até os dias de hoje, é necessário estabelecer os traços e as características que distinguem o mundo antigo do mundo moderno.

Palavras-Chave: Espanha, Mundo, Romance, Literatura.

“DOM QUIXOTE DE LA MANCHA”: ROMANCE DE RUPTURA.

INTRODUÇÃO

Miguel de Cervantes¹ nasceu em 1547, na cidade de Alcalá. Filho do médico Dom Rodrigo de Cervantes e Dona Leonor de Cortina, ele era o quarto de uma família de sete irmãos. Tendo se mudado para Valhadolid aos cinco anos, para Sevilha aos dezessete e para a capital, Madrid, aos dezenove anos, Miguel teve uma vida tranquila – se não fosse por essas viagens. Ele fez os seus estudos entre os jesuítas de Sevilha, optando pela famosa Universidade de Salamanca. Seu pai tinha condições para inseri-lo no campo dos estudos.

Logo em 1569, aos 22 anos, ainda na universidade, publicou algumas de suas composições. Entretanto, tendo ele se mudado em igual época para a Itália, alguns de seus textos – produzidos nesse período –, ficaram guardados por alguns anos naquele país. A vida de Miguel de Cervantes depois dos 22 anos de idade, muito se assemelha às aventuras por ele contadas em seu famoso livro *Dom Quixote de La Mancha*, de 1615.

Sobre a sua ida inesperada para a Itália, conta-se que se sucedeu por causa de uma briga de espadas, um duelo, tendo ele ferido o seu adversário por razões desconhecidas e sido, por tal motivo, processado. Com medo de receber uma pena severa, escapou ele para a cidade de Roma.

Nos anos que ali passou, tornou-se camareiro de um cardeal católico na capital. A quem duvide que a sua ida para Roma teria acontecido realmente por causa de apenas uma briga, no duelo citado acima. Como poderia ele ter cometido tal delito e logo em seguida ter viajado para Roma e encontrado emprego logo na sala de um cardeal, em regime eclesiástico? Deixando as controvérsias de lado, a vida do criador do ‘Cavaleiro da Triste Figura²’, teve outros episódios interessantes.

Dois anos depois, Cervantes arregimentou-se como soldado para combater contra os turcos na batalha naval de Lepanto³. A quem diga que sua decisão foi tomada porque não mais aguentava a profissão de camareiro do Cardeal. Mas também, a quem diga que foi o seu espírito aventureiro, aquele mesmo encontrado por ‘Dom Quixote’, que o impeliu a desbravar o mundo, lançando-se aos perigosos mares manchados por atividades de grupos piratas.

Do combate de Lepanto ele trouxe, em sua bagagem, a fama de ter comandado grande grupo – tendo ele mesmo desempenhado as ações mais arriscadas –,

¹ As informações sobre a vida de autor de ‘Dom Quixote de La Mancha’ contidas neste artigo foram retiradas do livro CERVANTES, citado na bibliografia no final desse estudo.

² Cervantes, 2000, p.107. Nesse trecho, Sancho considera Dom Quixote como tal, pelo fato de Dom Quixote sempre perder suas batalhas.

³ Em 1570, os Turcos Otomanos invadiram a Ilha de Chipre, então na posse da República de Veneza. Os venezianos, enfraquecidos por anos de luta contra os turcos, viram-se obrigados a pedir ajuda, já que a posse de Chipre permitiria aos turcos o domínio do Mediterrâneo. A Espanha prontamente aceitou o desafio, pois se interessava pelo mesmo espaço. A batalha aconteceu em 1571.

duas feridas no peito e ainda a mão esquerda inutilizada, devido a um ferimento incurável que lhe arremeteu um combatente adversário. De sua participação na batalha logrou a honra de ter lutado por sua pátria e recebeu uma razoável soma de dinheiro pela sua importante participação.

Em 1572, Cervantes participou na expedição naval de Navarino⁴, e em 1573 na conquista de Tunes e Bizerta. No ano de 1574 ele já estava na cidade italiana de Palermo, na Itália. No ano seguinte, com seu irmão Rodrigo, que o acompanhou em diversas expedições, ele retorna para a Espanha.

Mas, antes de arremedar-se em solo Espanhol, sua embarcação foi atacada por três navios turcos, tendo-se feito prisioneiro e sendo vendido como escravo. Nessa prisão, entre os turcos, Miguel passaria não menos do que cinco anos, tendo ficado a maior parte do tempo na masmorra, devido às constantes tentativas de fuga. Ali, conseguiu ainda assim, escrever alguns poemas e cartas que enviara por viajantes de passagem que se dirigiam à Espanha. Cervantes não queria ficar esquecido entre os seus patrícios.

Após sua passagem por cinco anos entre os turcos, Cervantes retorna à Espanha em 1580. Recebido na corte com um veterano de guerra, ele passa a escrever comédias que eram representadas com sucesso. Sua vida parece estar no caminho de um razoável bem estar. Mas, muita coisa ainda haveria de acontecer na vida do coronel de La Mancha.

Em 1584, casa-se com Catalina de Salazar e Palacios, filha de Dom Fernando de Salazar Vozmediano, quase 20 anos mais jovem. Não podemos excluir a possibilidade de que, na base de sua mais famosa novela pastoril, haja certos pormenores autobiográficos. Conta-se, por exemplo, que sua esposa era tão formosa como a idealizada ‘Dulcineia’ o era, musa de ‘Dom Quixote de La Mancha’.

Na vida real, a pobreza e as dificuldades dessa vida vão entenebrececer o amor entre Cervantes e Catalina. Com a morte de seu pai em 1585 resta-lhe tomar parte na herança do pai. Sem ter deixado nada materialmente para nenhum dos filhos, coube a Miguel e a seu irmão Rodrigo, a incumbência e o dever de tomar conta de suas irmãs, traduzindo sua árdua missão em dividir os poucos bens e o tempo que tinham, com elas.

Com a viagem definitiva de seu irmão para a cidade de Flandres⁵, coube toda a tarefa de governar e visitar seus parentes a Cervantes. Nesse mesmo período foi trabalhar na corte, no ofício de escrivão. A impossibilidade de unir a sua vida na corte com a vocação das letras o fez desistir de seu novo emprego.

A partir do ano de 1587, Cervantes passa a trabalhar para a Armada Invencível do Rei Felipe II⁶, emprego que se prolongou por pelo menos trinta anos.

⁴ Uma dentre as muitas batalhas vencidas por Felipe II, em seu percurso vitorioso em prol da Espanha.

⁵ Toda região situada ao Norte da Bélgica.

⁶ Filho do Imperador do Sacro Império Romano Germânico e rei de Espanha Carlos V de Habsburgo e de Isabel de Portugal, governou um vasto território integrado por Aragão, Castela, Catalunha, ilhas Canárias, Maiorca, Navarra, Galiza e Valência, Rossilhão, Franco-Condado, Países Baixos, Sardenha, Córsega,

Incapaz de desempenhar o papel, Cervantes não se adaptara aos serviços da vida prática administrativa do Rei, provocando notórias falhas e negligências graves que chegam a parecer intencionais. Humilhações e desgostos tomam conta do seu cotidiano. Suas constantes viagens colocaram-no cada vez mais distante de Catalina, que cada vez mais aguardava por remessas de fundos para o seu sustento.

Condenado por corrupção no ano de 1588 – exigiu dinheiro demais de um cliente –, Cervantes foi chamado atenção pelo ocorrido. Cansado e desalentado, tentou argumentar em seu favor perante o rei, pedindo para mudar de setor. Seu pedido foi indeferido. Em 1592, descobriu-se um desfalque em suas contas, e ele, como chefe, teve de responsabilizar-se pessoalmente pela dívida, cujo culpado havia sido um de seus funcionários. Depois de assumir o desfalque, perdeu automaticamente o emprego.

A partir desse momento Cervantes passa a escrever comédias em troca de dinheiro. É o modo pelo qual ele passa a se sustentar. Com a obrigação de escrever peças ‘boas’, sabe-se que nem todas as obras que ele escreveu recebeu o apreço de seu contratante, suas dificuldades começaram a aumentar ainda mais.

Após ele muito insistir, o rei lhe deu novamente um emprego em cidade próxima – Granada. Ele seria cobrador de impostos do rei. Tendo ele escolhido determinado banco para guardar o dinheiro que recolhia para o rei, incorreu na infelicidade de esse banco abrir falência. Tudo que ele havia guardado ali, também se perdera. Ele outra vez era o culpado do prejuízo ao rei da Espanha.

Desse tempo até o final de sua vida, é sabido que ele sobreviveu muito dificilmente. Sem poder pagar o dinheiro do Rei, foi ele posto novamente na prisão por alguns meses, onde, então, começou a escrever uma novela de aventuras: era o início do primeiro capítulo de *Dom Quixote de La Mancha*, em 1604. O sucesso editorial de sua obra é impactante. A essa altura de sua vida, Cervantes é considerado velho.

O sucesso de seu livro permitiu-lhe obter, do seu editor, alguns adiantamentos. Mas, naquele mesmo ano, Cervantes se viu acusado de uma morte misteriosa de um fidalgo espanhol que morava nas proximidades de sua residência. Declarado inocente, Cervantes decide ir morar em Madrid. Fama e dinheiro começam a chegar à sua mão, por conta de seu ‘Dom Quixote’.

Estando ele ainda a escrever a segunda parte de seu livro, chega-lhe às mãos, oculto sob o pseudônimo de Alonso Fernandez de Avellaneda, de Tordesilhas, a já pronta, uma segunda parte de seu engenhoso livro, *Dom Quixote de La Mancha*. Vendo o perigo que dele se aproximava – até a possibilidade de roubarem dele a sua obra! –, Cervantes foi ‘obrigado’ a escrever apressadamente o final da segunda parte de seu livro e, por fim, dirimiu qualquer dúvida a respeito do falso segundo tomo das aventuras do cavaleiro de La Mancha, por ele engenhosamente pensado.

Sicília, Milão, Nápoles, além de territórios ultramarinos na África (Orão, Túnis, e outros), na América e na Ásia (Filipinas). Em termos de política externa, sua mais significativa vitória sucedeu contra os turcos otomanos: a Batalha de Lepanto, em 1571.

Depois de concluída sua obra, pouco tempo ele sobreviveu. No ano de 1616, Cervantes morre precisamente um ano depois da segunda parte de sua obra imortal, na cidade de Madrid.

‘CERVANTES’: DE SOLDADO RENOMADO A ESCRITOR FAMOSO

Liberal e cortês, bom soldado, detentor de legião de amigos quando na sua juventude, Miguel de Cervantes terminou os seus dias pobre e sozinho, derrubado pela vida que lhe roubou os prazeres e as honras. Inserido no contexto Espanha do século XVI, governada por Felipe II, Cervantes vivia em um país cujas posses eram vastas.

Além do controle de terras portuguesas e africanas, das europeias desde a Itália até a França, e ainda de terras nas Américas Central e Latina, a Espanha tinha no ouro e na exploração de metais preciosos os seus grandes provedores econômicos. Conquistadora e vitoriosa, a Espanha dominava sobre os mares e alcançava fortunas.

Nutrida pelas encomendas de suas inúmeras colônias, a Espanha foi responsável por constituir novos e importantíssimos mercados, dando à sua indústria um impulso que nunca havia sido experimentado. Tendo a cidade de Toledo como um importante centro de indústria têxtil e Sevilha como a grande referência portuária, a Espanha tinha muito para fazer.

Mas, a corrida espanhola pelo ouro americano era uma arma de dois gumes. Os espanhóis não eram grandes peritos em operações financeiras e a expulsão dos judeus de suas terras, em 1492, com a entrega do comércio a mercadores estrangeiros – genoveses e holandeses – desviaram os lucros que até então ficavam majoritariamente na corte espanhola.

A dificuldade enfrentada por Felipe II em manter o equilíbrio econômico passou a ser sentida em todos os setores do país. A sociedade, de cerca de oito milhões de pessoas na época, passa a sofrer com as mudanças. Apenas os nobres conseguem manter o padrão que tinham antes dessa crise.

O culto da honra continua e as mulheres tinham que permanecer puras, vivendo reclusas em casa, raramente aparecendo em público. Aos homens cabia manter tal honra. Os duelos continuam apesar de proibidos, e a vingança fazia parte da defesa da moral. Com a morte de Felipe II alguns desses valores começam a se perder com o tempo.

Impera na Espanha o catolicismo tradicional, desde o rei ao pior dos bandidos, a convicção da religião de Pedro⁷ se mostra pelos quase 10 mil conventos e pela grande população dominicana e franciscana. A religião alcança praticamente toda a

⁷ Refiro-me ao Catolicismo Romano.

população, portanto. Santa Teresa⁸ e São João da Cruz⁹ são os mais lidos. Autos de fé e procissões são as manifestações mais evidentes e frequentes da religiosidade dos espanhóis.

Na política, o regime absolutista permite ao rei tomar decisões que suplantem as cortes reais, os conselhos e as assembleias provinciais. O filho de Carlos V¹⁰ e neto de Joanna, a louca, Felipe II, é piedoso ao mesmo tempo em que é severo em suas tomadas de decisão. É ele quem assume a direção de uma infinidade de assuntos, desde a supervisão das obras públicas até a administração geral e codificação do direito do seu país.

Alem de *Dom Quixote de La Mancha* (1615), Miguel de Cervantes escreveu outros livros. Dentre eles podemos citar *A Galateia* (1585), uma história escrita em seis livros, voltada para o romance pastoril no qual ele conta a vida de uma bela pastorinha arcádica e dos seus místicos amores que, como ele mesmo disse, eram coisas vistas em sonhos e apresentadas para o divertimento dos ociosos, sem sombra de realidade, entretanto. Mais tarde ele abandonaria esse tipo de escrita, enveredando-se pelo caminho da crítica ao idealismo da época, como se pode ver em *Dom Quixote de La Mancha*.

Em 1613, ele publicou em Madrid uma coleção de novelas sob o título de '*Novelas Exemplares*', que eram relatos curtos, mas repletos de fatos de sua contemporaneidade. O aspecto curto difere diretamente do traço longo, que aparecia com frequência nas narrativas de cavalaria, mais ambientadas num passado longínquo e povoadas de personagens recrutadas na história, na mitologia e na lenda. Nesse tipo de novelas 'Boccaccio'¹¹ foi o grande representante. Na Espanha ainda não se tinha ouvido falar nesse tipo de narrativa curta.

⁸ Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Jesus (Gotarrendura, 28 de março de 1515 — Alba de Tormes, 4 de outubro de 1582) foi uma religiosa e escritora espanhola, famosa pela reforma que realizou no Carmelo e por suas obras místicas.

⁹ São João da Cruz (Fontiveros, 24 de Junho de 1542 - Úbeda, 14 de Dezembro de 1591) foi um frade carmelita espanhol, famoso por suas poesias místicas.

¹⁰ Carlos de Habsburgo (Gante, 24 de Fevereiro de 1500 — Cáceres, 21 de Setembro de 1558) foi Rei de Espanha (Carlos I) e Imperador do Sacro Império Romano (Carlos V). Arquiduque de Áustria, Duque de Milão e da Duque de Suábia, conde de Flandres, foi Rei de Nápoles e Sicília como Carlos IV de 1516 a 1555, Príncipe dos Países Baixos de 1516 até abdicar em outubro de 1555 no palácio dos duques de Brabante.

¹¹ Filho de um mercador, Boccaccio não se dedicou ao comércio como era o desejo de seu pai, preferindo cultivar o talento literário que se manifestou deste muito cedo. Foi um importante humanista, autor de um número notável de obras, incluindo *Decamerão* (1349 – 1352).

Sendo Boccaccio o principal referencial para as narrativas acima – das *Novelas Exemplares* – envoltas em temas variados, parcialmente licenciosos com suas descrições livres sob diversos aspectos considerados – até não edificantes para a época – , as primeiras novelas de Cervantes não encontraram grande espaço na Espanha. Seus textos foram adaptados para a uma sociedade que estava imersa em valores católicos religiosos e cheios de dogmas da época. Por isso chamou-as de ‘exemplares’. Suas novelas não tinham os mesmos temas das novelas italianas de Boccaccio, entretanto.

Relatos de amores de personagens de comportamentos modelados recheiam nessa obra os escritos de Cervantes. Com uma grande quantidade de aventuras, ao final de cada uma delas, encontrar-se-á, tanto o leitor quanto os personagens das novelas, felizes e realizados.

Como obra Póstuma – do ano de 1617 – aparece em Madrid, ‘*Os Trabalhos de Persiles e Sigismunda*’, escrito por Cervantes. Os dois personagens, citados no título do romance, são dois apaixonados. Entretanto, a impossibilidade de realização desse amor os força a fugir, juntos, fingindo-se irmãos sob os nomes supostos de ‘Periandro’ e ‘Auristela’. Em sua impressionante odisséia, eles viajam por muitos países da Europa, enfrentando numerosas aventuras. A quantidade de ações é tanta, que mal sobra espaço e tempo para as vivências e a humanidade das personagens. Entretanto, nenhum dos textos de Cervantes se aproxima de sua imortal obra do cavaleiro sem medo e sem mácula.

Cervantes também escreveu comédias e poesias. Comédias do gênero histórico, sobre os santos, sobre os cristãos e cavaleirescas. O teatro era uma das principais formas de distração e entretenimento da Espanha de Felipe II. Quadros rápidos e vigorosos de cenas da vida do povo, escritas e apresentadas em um só ato, eram um traço forte e bastante elogiado pelos seus concidadãos.

Cervantes nunca deixou de escrever poesia em sua vida. Ele registrou vários fatos históricos passados na Espanha, em versos. ‘Sonetos’ para e sobre a Rainha e o Rei em ocasiões memoráveis, ‘elegias’ oferecidas a personagens ilustres da sociedade e canções dedicadas a Santa Teresa de Ávila, por exemplo, podem ser encontradas em seu ‘*El Viaje Del Parnaso*’. É possível também notar que, mesmo em suas obras escritas sob a pena da prosa, Cervantes sempre inclui trechos escritos em Poesia. ‘Veja o próprio *Dom Quixote de La Mancha*’, por exemplo.

CERVANTES: AUTOR DE *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*, UM ROMANCE DE RUPTURA

Dom Quixote de La Mancha é a história de um fidalgo rural, D. Alonso Quijano, que, tendo lido demasiados livros de cavalaria, a tal ponto se identificou com eles que perdeu o juízo, transmutando a ficção literária em realidade. Dominado por sua típica loucura, ele abandona casa e fazenda, escolhe um nome de cavalaria e põe-se a percorrer a cavalo a região circunvizinha, precisamente a Mancha, em trajes de cavaleiro andante. O romance traz uma série de relatos de episódios ocorridos com Dom

Quixote – o personagem principal – durante o seu incessante peregrinar. O ano em que a obra do espanhol Miguel de Cervantes chega completamente ao público é o de 1615.

Concluída em um período em que as novelas de cavalaria na Espanha do século XVI eram uma verdadeira paixão pública, uma espécie de obsessão nacional, *Dom Quixote de La Mancha* vem, revestido de imagens desse gênero literário – romance de cavalaria –, nos fazer questionar a respeito do mundo idealizado pelos heróis dessas novelas. A Espanha dessa época, ainda idealista, de Felipe II, estava atribulada, entretanto, por densos problemas econômicos. A evasão dos leitores para essa idade mítica dos tempos heróicos constituía-se, pois, um sonho maravilhoso e um ideal de fuga daquela horrenda realidade.

Com o pensamento posto em Deus e na pátria, prontos para agir e pouco afetados por conflitos psicológicos, os heróis dos romances de cavalaria eram de grande popularidade nesse tempo. Dotados de poderes excepcionais, capazes de vencer monstros, de transpor paisagens inacessíveis, de enfrentar encantamentos e de confundir ou convencer qualquer adversário, em nome da ‘verdade’ e da ‘justiça’, esses heróis serviram de modelos para muitas gerações.

Atraído pela idéia sedutora de se identificar com tais cavaleiros, o personagem de Cervantes, contemporâneo dessa época, vai por em evidência, o ridículo e o patético dessa obsessão coletiva por um mundo maravilhoso cuja existência se confinava, muitas vezes, apenas às páginas dos romances.

A grande contribuição à Literatura dada por Cervantes se dá pelo fato de que, enquanto outros autores continuavam a escrever com entusiasmo e convicção sobre o velho tema, ele empreendeu contar, em estilo irônico, as aventuras de mais um herói, mas dessa vez de acordo com a sua própria imaginação e interpretação desse novo mundo, no início da Era Moderna¹².

Seguindo esse raciocínio – a respeito do antigo e do moderno – Lukács¹³, filósofo e escritor húngaro, destacado pelos seus escritos na primeira metade do século XX, afirma que, para que se compreenda a evolução dos escritos literários, desde as epopeias antigas¹⁴, é necessário também estabelecer os traços e as características que distinguem o mundo antigo do mundo moderno.

¹² A Idade Moderna é um período específico da História do Ocidente. Destaca-se das demais por ter sido um período de transição por excelência. Tradicionalmente aceita-se o início estabelecido pelos historiadores franceses, em 29 de maio de 1453, quando ocorreu a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos.

¹³ Importante filósofo húngaro que nasceu em Budapeste no dia 13 de abril de 1885 e faleceu na mesma cidade em 5 de junho de 1971. Entre os vários escritos que escreveu deixou A Teoria do Romance, escrito no período da primeira guerra mundial.

¹⁴ Especialmente as de Homero: *Ilíada* e *Odisséia*, escritas no século VIII A.c. Constituem os mais antigos documentos literários gregos.

Para Lukács (2000), o mundo antigo é visto como unidade perfeita, marcado por uma formação natural, dotado de coesão e unidade. Se o mundo não é mais homogêneo e se a Grécia é então, um passado morto, não é mais possível se falar em unidade do ser. A ruptura para o mundo moderno se dará, a partir da visão de Lukács, porque o mundo se fragmentou, tornando-se artificial, destacando-se nele o império da força particular da individualidade.

Nesse novo tempo, da modernidade, segundo Frederico (1997), o abismo entre o ser e o mundo, a cisão do pensamento e a vida – a fratura entre as exigências da inteligência e da ação humana –, nomeiam a concepção e o sentido de vida. O sentimento natural de o homem se perceber em casa se perdeu em meio à técnica e ao capital, típicos da modernidade. A condição humana foi levada ao desterro, o homem se encontra longe de Deus.

No contexto do mundo antigo todas as coisas, suas angústias e suas aspirações, recebiam a ajuda de forças sobrenaturais que eram, em sua maioria, encontradas no panteão grego-romano. Seus problemas recebiam ajudas transcendentais.

Nessa concepção, Lukács condena o mundo antigo e seu horizonte voltado para o idealismo abstrato ao desaparecimento. Assim a epopéia antiga não pode mais ser concebida na moderna civilização, como era no passado¹⁵. A morte da épica, que celebrava uma totalidade que se apresentava como perfeita, denuncia o fim, portanto, da antiguidade.

A comparação entre o romance da idade moderna e as formas literárias do passado revela essa grande diferença, a ponto de Watt (1996) citar, como grandes exemplos, que romancistas como Defoe, Richardson e Fielding são os primeiros grandes escritores, no caso, ingleses, pois eles não extraíram seus enredos mais da mitologia, da História, da lenda e de outras fontes literárias do passado. O critério fundamental que passará a basilar o romance, a partir desses autores, é a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova.

Há em *Dom Quixote de La Mancha* toda essa situação de ruptura, que ali ascende e que é um sinal de que o mundo está mudando. A separação que pode ser vista a partir da visão de mundo antigo, idealizado e divinizado, empreendida pelo personagem ‘Dom Quixote’, por exemplo, se contrapõe à maneira pela qual o seu parceiro, ‘Sancho Pança’, o percebe, agora em sua forma real e passiva de irrealizações e inacabamentos. São duas visões conflituosas, relatadas em um mesmo mundo – o de *Dom Quixote de La Mancha* –, que denunciam que outra forma de ver a vida, está tomando espaço naquele novo tempo, que passa a se chamar de ‘moderno’.

É essa visão conflitante, que Cervantes nos empresta, que confirma o traço de ruptura existente em seu mais famoso livro. Essa condição de suspensão de uma possível conciliação entre o ser humano e o mundo, entre o homem e o todo é que vai, segundo Lukács, caracterizar, por exemplo, a partir desse ponto, o romance moderno,

¹⁵ Bakhtin também considera a “epopeia não só como algo criado há muito tempo, mas também como um gênero já profundamente envelhecido” (1997, p.397).

que se transformará no chão literário que suportará essa cisão ao máximo, a ponto de torná-la um símbolo da existência humana.

O que antes era acabado e fechado, sem restrições ou sem possibilidade de dúbias interpretações, passará a ser, a partir de *Dom Quixote de La Mancha*, aberto, problemático e grotesco. A impossibilidade de harmonia do mundo com o ser se tornará símbolo da nova estética de todos os escritos literários e concepções de mundo.

Ser e destino separados, homem e mundo – sentido da vida – cada vez mais distanciados: em *Dom Quixote de La Mancha* não há mais espaço para unidade perfeita, os caminhos foram alterados, ‘Dom Quixote’ não mais se encontra no mundo idealizado apesar de todos os seus esforços.

Como forma de ilustração, apresentaremos algumas passagens em que encontramos ‘Dom Quixote’, ‘O Cavaleiro Sem Medo e Sem Mácula¹⁶’, em situações adversas, abandonado às forças de um mundo que não é mais oriundo dos livros que ele havia lido. A crença na possibilidade de rearranjo de um mundo, em que não há lugar algum para os sonhos, povoa ainda o seu pensamento. No romance, os episódios se sucederão e parecerão que a Espanha inteira se havia conjurado com o pobre cavaleiro e contra sua nobre intenção de combater toda forma de desarmonia. Dom Quixote, porém, decide seguir aquilo que ele chama de destino – como acontecia nos tempos da antiguidade.

Antes mesmo de sair para sua odisséia, Dom Quixote já sabe qual será a sua missão: ela pretendia ser equivalente aos grandes heróis do passado como Ulisses e Aquiles¹⁷. A passagem abaixo do romance deixa claro os seus intentos:

concluídos, pois, todos estes arranjos, não quis retardar mais o pôr em efeito o seu pensamento, estimulando-o a lembrança da falta que estava já fazendo ao mundo a sua tardança, segundo eram os agravos que pensava desfazer, sem-razões que endireitar, injustiças que reprimir, abusos que melhorar, e dívidas que satisfazer” (CERVANTES, 1978: p.32).

Logo, ao sair de casa, é suscitado pela própria trivialidade das coisas o fato de que nada se lhe apresenta de diferente durante aquele santo dia – tendo ele saído a cavalo – que seja digno de ser mencionado. “Caminhou quase todo o dia sem lhe acontecer coisa merecedora de ser contada; com o que ele se amofinava, pois era todo o seu empenho topar logo onde provar o valor do seu forte braço (Ibid.: p.33)”.

Cansado e prostrado de fome, ao cair da noite ele chega, não a um país encantado ou sequer um castelo, mas a um vulgaríssimo comércio, albergue de viajantes e moças de costumes pouco relevantes, um espécie de venda.

¹⁶ Parece que Dom Quixote é um cavaleiro que não tem medo de nada e a sua visível inocência prova-o como sendo sem mácula, sem a maldade visível no mundo transformado da modernidade.

¹⁷ Heróis das epopéias gregas, *Ilíada* e *Odisséia*.

Deu-se pressa em caminhar, e chegou a tempo, que já a noite se ia cerrando. Achavam-se acaso à porta duas mulheres moças, destas que chamam de boa avença, as quais se iam a Sevilha com uns arrieiros, que nessa noite acertaram de pousar na estalagem. E como ao nosso aventureiro tudo quanto pensava, via, ou imaginava, lhe parecia real, e conforme ao que tinha lido, logo que viu a locanda se lhe representou ser um castelo com suas quatro torres, e coruchéus feitos de luzente prata, sem lhe faltar sua ponte levadiça, e cava profunda, e mais acessórios que em semelhantes castelos se debuxam. Foi-se chegando à pousada (ou castelo, pelo que se lhe representava); e a pequena distância colheu as rédeas a Rocinante, esperando que algum anão surgiria entre as ameias a dar sinal de trombeta por ser chegado cavaleiro ao castelo (CERVANTES, 1978: p.33).

Nesse lugar, o herói ‘sem medo e sem mácula’ nos apresenta a chave que denunciara e explicara toda a trama de seu romance: o que não existe, nem pode existir ele inventa e constrói à sua maneira, com o rigor de sua fantasia.

Para ele a venda teria de ser e, portanto, é, um castelo, com torres, ponte levadiça e chaminés, cheio de damas nobres e com um arauto que anuncia a sua chegada. É assim que ele vê os que já estão no albergue, de quando da sua chegada. A partir desse episódio todos os infortúnios de Dom Quixote terão a mesma origem: na sua limitação em não querer ver a realidade tal como ela é, mas sim como deveria ser, ou pelo menos como ele desejaria que fosse.

Outro episódio que poderemos citar para confirmar a incompatibilidade do herói espanhol com o mundo que não é mais o seu, acontece quando ele encontra um grupo de mercadores que toparam o seu caminho, sendo por ele logo considerados cavaleiros andantes. Ao travar contato com estes, eles deveria ser cativos às suas instruções e, nesse caso, obsequiando graças à Dulcinéia, aquela que habita o coração de Dom Quixote. De pronto, ele os adverte a esse respeito:

como houve andado obra de duas milhas descobriu D. Quixote um grande tropel de gente, que eram (como depois se veio a saber) uns mercadores de Toledo, que se iam a Múrcia à compra de seda. Seis eram eles [...] D. Quixote avistou todo aquele gentio, teve logo para si ser coisa de aventura nova; e para imitar em tudo que lhe parecia possível os passos que lera [...] firmando-se bem nos estribos, apertou a lança, conchegou a adaga ao peito, e posto no meio do caminho se deteve à espera de que chegassem aqueles cavaleiros andantes que já por tais os julgava. Quando chegaram à distância de se poderem ver e ouvir, alçou a voz, e com gesto arrogante disse: — Todo o mundo se detenha, se todo o mundo não confessa, que não há no mundo todo donzela mais formosa que a Imperatriz da Mancha, a sem par Dulcinéia del Toboso (Ibid.: p.42).

Sem entender o que se passava, o grupo parou e queria saber quem era aquela tal Dulcinéia que agora vos era inquirida. Obtendo, aqueles homens, como retorno uma resposta como se vindo de um senhor dos cavaleiros, continuaram sem entender. Revelaram que prestariam homenagem a ela caso a conhecessem. De outra

forma não seria fácil fazê-lo. Tomando aquilo como uma afronta, Dom Quixote se atira sobre eles e reivindica todo o seu poderio de cavalaria a fim de dar uma lição naqueles desconhecidos.

E nisto arremeteu logo com a lança em riste contra o que lhe falara; e com tanta fúria de enojado, que, se a boa sorte não permitira que no meio do caminho esbarrasse e caísse o Rocinante, mal passaria o atrevido mercador. Com o estender-se do cavalo, foi D. Quixote rodando um bom pedaço pelo campo, sem lograr levantar-se, por mais que fizesse, tanto era o empacho da lança, adaga, esporas, e celada, e o peso da armadura velha. Enquanto barafustava para se erguer sem o conseguir, dizia: — Não fujais, gente covarde, gente refece! Reparai que, se estou aqui estendido, não é por culpa minha, senão do meu cavalo (CERVANTES, 1978: p.42).

Ao final aquele desmedido momento, como consequência da loucura de Dom Quixote, um moço sentindo-se agredido por ele, atirou-se contra ele e aplicou-lhe uma surra que o deixou dias sem se levantar.

Um moço de mulas, dos que ali vinham, e que não devia ser dos mais bem intencionados, ouvindo ao pobre estirado tantas arrogâncias, não o pôde levar à paciência sem lhe apresentar o troco pelas costelas; e, chegando-se a ele, tomou a lança, desfê-la em pedaços, e com um dos troços dela começou a dar ao nosso D. Quixote pancadaria tão basta, que, a despeito e pesar de suas armas, o moeu como bagaço (Ibid.).

Em outro momento, já tendo em companhia ‘Sancho Pança’, um modesto camponês a quem prometera vasta cópia despojos e incríveis conquistas se aceitasse acompanhá-lo como seu escudeiro, e que na história passa a representar uma espécie de ledor de um mundo que de maneira nenhuma é congruente ao que pensa Dom Quixote, o ‘Herói Da Mancha¹⁸’ passa a enfrentar outras situações não diferentes das que ela já havia participado.

Cavaleiro e escudeiro encontram com uma fila de gigantes que derrubam Dom Quixote como se esse não passasse de uma palha em pé. Nesse momento o bom ‘Sancho Pança’ tenta convencê-lo a desistir do combate advertindo-o de que aqueles não são mais do que simples e grandes moinhos de vento.

Quando nisto iam, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento, que há naquele campo. Assim que D. Quixote os viu, disse para o escudeiro: — A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhor do que o soubemos desejar; porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra, e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra. — Quais gigantes? — disse Sancho Pança. — Aqueles que ali vês — respondeu o amo — de braços tão compridos, que alguns os têm de quase duas léguas. [...] — Olhe bem Vossa Mercê — disse o escudeiro — que

¹⁸ Título dado pelo autor do artigo.

aquilo não são gigantes, são moinhos de vento; e os que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós (Ibid.: p.54).

Após desdenha de seu escudeiro, por, segundo ele, nada entender de cavaleiros e suas missões, ele arremete-se contra um moinho e logo é apanhado por uma das aspas que está em pleno movimento, novamente indo à terra, juntamente com o rocinante. Buscando justificativas para a sua visão, é forçado a admitir que se aquilo realmente é um moinho foi porque foi por efeito mágico que, por motivo de ciúmes, transformara aqueles gigantes em grandes moinhos.

E nesse ritmo alucinante de aventuras, segue o rebelde aventureiro. Sem medo de nada, a cada dia e a cada episódio relatado pela pena de Cervantes, ele vai até o final de sua odisséia. Aconteça o que acontecer, ele terá sempre uma explicação engatilhada para todas as conjunturas. Justificativas não faltarão todas as vezes que Sancho Pança lhe advertir da realidade que o cerca. E se algo deu errado, foi porque ele mesmo foi o único culpado, e porque há castigos para quem infringe as leis da cavalaria.

O fato é que, não há realidade, por mais obscura que seja para se interpretar, para a qual 'Dom Quixote' não encontre explicações, ainda que sejam absurdas. Nisto denuncia-se as duas pontas de um mesmo mundo que se move em direção de uma inevitável ruptura, saindo de um passado regido por mágicos efeitos, no qual se encontravam heróis de uma coletividade, que agora andam errantes, por entre os labirintos e as circunstâncias de uma nova realidade que se impõe, para onde caminha a humanidade: para uma realidade fragmentada na qual lentamente, o sentido da vida é ceifado de seus transeuntes.

Dom Quixote seguirá, com sua alma como:

algo que repousa, para além dos problemas, na existência transcendente por ela atingida. Nenhuma dúvida, nenhuma busca, nenhum desespero pode arrancá-la para fora de si e pô-la em movimento, e os combates inutilmente grotescos por sua realização no mundo exterior tampouco podem afetá-la: em sua certeza íntima nada a pode abalar (LUKÁCS, 2000: p.101).

Por isso ele insiste até o final do romance. Dom Quixote não se dará conta de que o descompasso com a concretude do mundo, o fosso existente e a tentativa de cindir o 'eu' com a totalidade das coisas, é, agora, a ironia estrutural que acompanhará todos os seus passos no enredo da história. Embebido pelo mundo antigo, ele é engolido por forças agora, maiores do que ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Era esse o perfil do herói do romance de cavalaria: enclausurado em um mundo seguro, o personagem principal torna-se inabalável psicologicamente. A absoluta ausência de uma problemática internamente vivida permite que a sua alma se dê ao luxo de ser somente pura atividade. Como a alma repousa intocável em sua

existência, cada um de seus impulsos tem de ser uma ação essencialmente voltada para fora. A vida do personagem principal do romance de cavalaria, envolto em um idealismo abstrato, precisa ser uma série ininterrupta de aventuras escolhidas por ele mesmo. Dom Quixote não cessa suas aventuras.

O enredo de *Dom Quixote de La Mancha* se configura como um romance de ruptura, historicamente situado, portanto, na passagem das concepções de mundo antigo e moderno. Como descrito pelo narrador de *Dom Quixote de La Mancha*, o herói do romance espanhol é um tremendo caos. Ele parece ser um personagem com características antigas, dentro de um mundo que não mais o é, no qual a visão de seus outros personagens já não é a mesma que a dele.

Assim, 'Dom Quixote' nunca alcançará os seus intentos. A sua visão de mundo é deslocada, antiquada e ele não consegue acompanhar o modo de como de que feito o novo mundo. O seu amigo 'Sancho Pança' representa, esse novo, esse outro mundo, o real ou moderno, o mundo da era moderna que se avizinha. O idealismo de 'Dom Quixote' opõe-se, portanto, ao realismo de seu fiel escudeiro.

Dom Quixote de La Mancha é, pois, o estilo de romance que nos retratará a própria ruptura do mundo antigo para o mundo moderno. A partir dele será possível perceber que a antiga concepção de mundo ficou para trás. O que resta agora para pensar é o mundo aberto que se fragmenta cada vez mais, no qual o homem tende sempre a aparecer sozinho e abandonado, sem apoio dos deuses ou de qualquer força sobrenatural para lhe socorrer. E o próprio caminho parece ininterruptamente ter que ser traçado em busca do tempo perdido e de um futuro que está fadado ao caos.

Grande parte dos heróis que doravante aparecerão, no romance que se chamará de moderno, serão aqueles que viverão dramas internos, e estarão sempre em desarmonia com o mundo. Sofrerão de angústia, desolação, desilusão e de uma melancolia nunca antes registrada na história. E estes serão os traços que os perseguirão durante toda essa nova era.

O realismo formal do século XVIII, bem como o novo realismo do século XIX, abre caminhos para autores que revolucionarão a forma do romance, através de novas técnicas narrativas, tal é o exemplo de autores como James Joyce e Virginia Woolf. A partir de 1920, o romance nunca será o mesmo e a problemática entre ser e mundo se agravará ainda mais. Assim, o romance será o sintetizador de todo esse novo símbolo que parece ter sido esvaziado e perdido todo o sentido de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance). In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha** (Trad. de Viscondes de Castilho e Azevedo). São Paulo: Editora Abril, 1978.
- FREDERICO, Celso. **Lukács: um clássico do século XX**. São Paulo: Moderna, 1997.

GIGANTES DA LITERATURA UNIVERSAL. **CERVANTES**. Lisboa: Verbo, 1972.

LUKÁCS, George. **A Teoria do Romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

WATT, Ian. O realismo e a forma do romance. O público leitor e o surgimento do romance.

In: **A Ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das letras, 1996.